

## **Relato de Experiência - Exposição Diálogos no Escuro**

Késsia Azevedo Braga

A ansiedade começou a aflorar quando estávamos sendo conduzidos por uma voz desconhecida, porém muito firme, que nos descrevia o ambiente, os passos que por nós deveriam ser dados para alcançar algum objeto à nossa frente. No começo tudo era claro, uma mulher nos ensinou como deveríamos segurar a bengala, apoiando nosso indicador na parte lisa superior da bengala e passando nossas mãos pelo elástico em sua extremidade para que não se soltasse de nossas mãos. Nesse momento comecei a ficar ansiosa, como se soubesse que estava prestes a passar por um momento cheio de sensações novas, de descobrir que há muito além daquilo que eu conheço.

Nos despedimos da primeira mediadora que nos instruiu a usar os corredores como referência trocando entre as mãos –uma deveria segurar sempre a bengala arrastando no chão nos sentidos direito e esquerdo e a outra sentindo uma das paredes como referência, quando solicitado pelo mediador dentro do escuro –fomos entrando num espaço gradativamente escurecido, até que num ponto não se podia mais determinar nada sobre o espaço e o breu era completo.

Uma voz masculina de clara gesticulação, alta e firme se apresentou para nós como Glauco. Num primeiro momento, sentindo a confiança daquele homem em descrever brevemente aquele espaço, me veio à mente que deveria perguntar se ele era realmente cego, assim, logo de cara. Respondendo afirmativamente, nos conduziu por entre pontes, ruas, bairros, florestas, praia... todas as sensações me foram surgindo como se de alguma maneira eu não conhecesse tudo o que há ao meu redor, ou pelo menos não o tivesse percebido de outra maneira. Em certo ponto, cheguei a comentar que queria acender a luz, porque inconscientemente estava forçando a vista (ou a mente) a reproduzir internamente aquele espaço, mesmo tendo conhecido pessoalmente todos aqueles ambientes. Acredito que dentre as propostas da exposição uma delas seja a de nos fazer sentir de novo como se fosse algo novo, com novos olhares e sentidos.

Um dos pontos que me emocionaram foi ele ter falado conosco em certo ambiente como as pessoas costumam falar com ele: “olha, Glauco, o Cristo Redentor, que lindo...” e nessa hora eu comecei a me perguntar quantas vezes ele tinha sentido na vida, não só sobre o Cristo Redentor mas em tantas outras ocasiões, talvez inumeráveis, aquela sensação de impotência, de não ver coisas tão lindas e ouvir das pessoas corriqueiramente para “olharem” isso, “olharem” aquilo sem notarem que há muito mais do que somente a visão para sentir ou mesmo para perceber algo lindo.

Um outro momento muito emocionante foi quando chegamos à praia e ele nos fez abaixar e tocar a areia, ouvir as crianças gritando, o barulho das ondas quebrando, tocar a prancha de um surfista que tinha ido dar um mergulho. Nesse momento senti uma profunda tristeza, porque me coloquei naquele lugar e imaginei como seria para mim nunca mais poder ver tudo aquilo, aquele lugar que é tão especial pra mim por vários motivos e o é para tantas pessoas, assim como poderia ter sido inclusive para o próprio Glauco.

Uma coisa que notei foi que em nenhum momento o tom de voz dele mudou, ele continuou por todo o percurso dialogando no escuro conosco, nos fazendo entender um pouco daquele mundo dele, sem carregar o momento de suas próprias emoções, ou pelo menos não deixar que percebêssemos isso, caso acontecesse. Seu profissionalismo, nesse sentido, me causou surpresa, porque no momento de diálogo descobrimos que era sua primeira experiência como mediador, que era na verdade músico e que era muito viajado, conhecia vários países e já tinha tocado em todos pelos quais conheceu.

Saí dessa experiência muito mais interessada em buscar conhecer melhor as deficiências e entendê-las ao máximo, estudá-las a fundo, para que num futuro próximo eu possa trabalhar com crianças e adolescentes, ou até mesmo adultos que possuem algum tipo de deficiência e consiga contribuir na vida deles como profissional e ampliando os sentidos deles através do meu ponto de vista, com a minha experiência de vida e com as experiências de vida de meus alunos também seja enriquecida tanto minha vivência quanto minha prática.